

Desamparo e desafetação: entre travessias cambiando pulsões de vida e morte, a busca dos desejos amorosos através das frestas subjetivas da emocionalidade

Helplessness and disaffection: between crossings changing impulses of life and death, the search for love desires through the subjective cracks of emotionality

Gema Galgani da Fonseca 

Faculdade de Patos de Minas, Patos de Minas, Minas Gerais, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ggalgani.fonseca@gmail.com.

Palavras-chave: desamparo, morte, privação materna, vias clínicas, vinculação, vida.

Keywords: helplessness, death, maternal deprivation, clinical pathways, binding, life.

Ponto de vista

Ao debruçar-se sobre os primórdios da cultura e das preconizações sobre os papéis parentais, especificamente, materno; pressupõe-se que é de direito de todo indivíduo desde o seu nascimento receber os cuidados físicos – orgânicos – psíquicos e emocionais para condições adequadas e sadias de sobrevivência e desenvolvimento humano. Porém, é apreendido e se deparado na realidade que a vida não se constitui de maneira linear e equilibrada por muitos seres humanos, quando por falhas da função materna em fornecer os significantes necessários para as simbolizações e representações indispensáveis à constituição psicoemocional em sua primeira infância; conforme se evidencia a luz dos estudos científicos e prática clínica, “*ao investigar a relação do bebê com a figura materna, verificam-se indícios de desencadeamento de distúrbios psicossomáticos e de uma possível desafetação*” (Simões, 2012).

Face recorrentes sentimentos de angústias e desamparo sentidos sobre as primeiras relações afetivas para a formação do psiquismo, inscritos inconscientemente na história dos sujeitos e manifestando-se no decorrer de fases posteriores de desenvolvimento humano, aqui a saída é a criação de uma estrutura diferente da neurose e da psicose na qual as palavras deixam de ter a função de ligação pulsional, e tornam-se “estruturas congeladas, esvaziadas de substância e de significação” onde o discurso, mesmo que compreensível, é completamente sem afetos. Como “*Uma psique desencorpada diz respeito a um espaço mental que se assemelha a um depósito que contém um acúmulo de fatos e ações desligados das mensagens afetivas do psiquismo. As palavras, nesse caso, não têm a função de ligação pulsional e tornam-se estruturas “brancas”, nulas, congeladas, posto que esvaziadas de substância e significação*” (Lamanno-Adamo, 2010).

Exemplo disso, são as pulsões orais em busca de prazer; que vão insaciavelmente desejando satisfação e prazer através dos corpos “obesos – alcóolatras – drogadictos e tabagistas, etc.”; pois:

Nessa configuração mental o corpo é um corpo desmentalizado, uma máquina de alta precisão composta de órgãos que mais se assemelham a uma engrenagem constituída por chips, molas e parafusos, do que fonte indubitável de sensações e emoções. Um corpo vivido cartesianamente como mecânico e, portanto, alheio ao psíquico e que passa a substituí-lo (um corpo que come sem saber por que, o quê e o quanto está comendo, um corpo com um defeito a ser consertado) (Lamanno-Adamo, 2010).

Indivíduos que vivenciaram em tenra infância situações precoces ou danosas que foram dificultando o armazenamento das experiências como memória e a inscrição de qualidades – pensamentos e sonhos, tende-se apreender que às internalizações e simbolizações dos acontecimentos da vida vão ficando desprovidos de compreensão e de amparo. Se ocorre conflitivas entre o corpo e a psique comprometendo a capacidade de sentir – imaginar e pensar dos sujeitos, tem-se como resposta uma supressão dos afetos (libidinais e agressivos) em supremacia das vivências e ressonâncias de vazio, estado de ausência de relações e sentimento

de pertencimento; contaminando e bloqueando toda a capacidade de linguagem e significação. “*Uma fala que denuncia uma falência anímica* (Bion, 1959), isto é, a falência em perceber objetos vivos, vistos e reais em permanente combinação e interação”.

Desamparo traduzindo falhas e faltas nas histórias dos indivíduos, como se pode entender através dos estudos de (Freud & Breuer, 1996) sobre o fenômeno das paralisias dos membros, os quais não apresentaram cura por meio de técnicas como a hipnose; quando somente através da associação livre que os sintomas puderam ser dizimados ou aniquilados, demarcando a significação da técnica, ou seja, a palavra que recupera a função de proteção contra a excitação originária na primeira infância. *Assinala-se que a linguagem não seria capaz de capturar ou organizar tudo, havendo sempre o lugar do não elaborado, recorrendo para vias psicossomáticas. Nesse espaço não caberia às interpretações, mas outro instrumento clínico chamado de construção* (Freud, 1996).

Contra o desamparo materno, a psicossomática é postulada como defesa em que o ego encontra saída por meio da clivagem entre corpo e mente desencadeando traumas sobre o corpo – os adoecimentos (gastrites, enxaquecas, psoríases, dermatites de pele, etc., que a mente ainda não conseguiu lidar; conforme um estudo sobre “O estresse ocupacional auto atribuído em mulheres policiais militares da cidade do Rio de Janeiro”, por Bezerra (2013) a evidência sobre o que ganhou linguagem através dos sintomas psicossomáticos, como: sentimento de ansiedade, compulsões alimentares, atitudes repetidas e o consumo de café em excesso, a enxaqueca, queda de cabelo, psoríase, herpes e menstruação desregulada, medo e ansiedade geradas pelo temor de serem reconhecidas pela função.

Em consequência dessa falta de vinculação da linguagem com seu sentido simbólico, surge a nomenclatura sobre a desafetação:

McDougall (1983) forjou a noção de desafetação para fazer referência a um distúrbio da economia afetiva, típico de pacientes somáticos, após perceber que muitos deles apresentam uma incapacidade quase total de manter contato com as emoções próprias e alheias. As palavras, assim, ficam desvinculadas de seu sentido simbólico, ligando-se, como consequência, à concretude. A autora esclarece que isso ocorre, essencialmente, porque esses indivíduos vivenciaram precocemente emoções de grande poder disruptivo, as quais expulsaram defensivamente do campo da consciência (apud Clemente & Peres, 2010).

Tais dificuldades em compreender, identificar e nomear as significações afetivas em termos de pensamentos, sentimentos, vivências e relações contribuem para vínculos afetivos sentidos como inseguros e com temores (conscientes ou inconscientes) da precariedade de pertencimento; o que pode provocar entre as pulsões de vida e morte inerente as travessias da vida – uma tentativa simbiótica e desprotetora dos anos iniciais de vida em que se prevalecia o desamparo e a precisão do outro. McDougall (1991) defende que ao profissional impor-se-á o desafio de funcionar como um filtro – sendo capaz de regular o afluxo de excitações do qual o paciente somático tende a se livrar apelando à descarga corporal, por não ter acesso às palavras que poderiam torná-lo dizível.

Assim, alguns contextos dessa dialética da vida cotidiana demarcando as demandas de um mundo carregado de contemporaneidade e **busca incessante de desejos amorosos através das frestas subjetivas da emocionalidade**, como; faltas psicoemocionais relacionadas às carências de atenção – amparo – pertencimento – segurança e significado nas vinculações da vida, também reveladas nas películas dos processos iniciais de psicoterapia clínica; por meio das queixas sobre os desamparos relacionados às “**pulsões e fomes**” sentidas por um pouco mais de reconhecimento – consideração – particularidade – sonoridade – nutrição – afeição – significado e vinculação.

Diante disso, McDougall (1996) salienta que nos estados psicossomáticos o corpo se comporta de maneira delirante, é como se o corpo “enlouquecesse”. Nesse sentido, as manifestações aparentes na pele não podem ser disfarçadas, como acontece o disfarce por meio da expressão. Sendo assim, os registros de experiências vividas são colocados como cicatrizes e/ou lesões de uma doença que marca o espaço de uma ferida física e psíquica, tomando a pessoa em uma totalidade psicossomática (apud Botelho, 2020, p. 06).

Portanto, face os avanços científicos e tecnológicos provocando novas formas de comunicação e relacionamentos interpessoais, bem como consequente; desorientação e conflituosas relacionadas aos interesses – investimentos e atenções dispensadas sobre o lema do viver; os discursos e comportamentos

poliqueixosos sobre as faltas – fomes – desamparos – desafetação buscam desenfreadamente os consultórios médicos, em prejuízo da real e urgente travessia para a busca das psicoterapias que versem sobre as conexões mente e corpo e soma. **Não será essa a travessia urgente, buscando cambio e sonoridade entre essas dimensões tão próprias da condição humana?** Primando-se por uma escolha significativa: se permitir se reaver com a própria história da matriz original chamada infância, e amorosamente se reconectar e vincular de forma amorosa com esse “louco e poético” dilema chamado viver como um ser merecedor de um lugar de fala.

Sou Gema Galgani – professora, psicoterapeuta e eterna aprendiz...

Referências

- Bezerra, C. D. M., Minayo, M. C. D. S., & Constantino, P. (2013). Estresse ocupacional em mulheres policiais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18, 657-666.
- Botelho, A. C. S., dos Santos, A. A., & Faria, A. C. (2020). Psique e Pele: a relação entre emoções e o aparecimento de afecções dermatológicas. *Revista Científica Faculdade Atenas*, 12(4), 1-25.
- Bion, W. R. (1959). *Cogitaciones*. Valencia: Promolibro, 409p.
- Clemente, J. P. L., & Peres, R. S. (2010). Funcionamento psíquico e manejo clínico de pacientes somáticos: Reflexões a partir da noção de desafetação. *Psicologia Clínica*, 22, 57-69.
- Breuer, J. & Freud, S. (1996). Estudos sobre a histeria. Em S. Freud. Edição standard brasileira das obras completas de S. Freud (Vol. II, pp. 11-319). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1996). Construções em análise. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. (Vol. 23, pp. 271-287). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Lamanno-Adamo, V. L. (2010). Clone: o inferno do si mesmo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 85-94.
- McDougall, J. (1991). *Teatros do corpo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Simões, F. I. W. (2012). A desafetação no olhar da psicanálise: a função materna e a relação mãe-bebe. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Estadual Paulista, Assis, 167 f.

Minicurrículo

Gema Galgani da Fonseca. Graduada em Pedagogia e Psicologia, e Especialista em Psicoterapia Psicanalítica; ambas formações pela Universidade de Uberaba – UNIUBE/MG, Mestre em Educação/ Formação de Professores pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU/MG, Formação em Psicanálise pela Associação Brasileira de Medicina Psicossomática - ABMP/Brasília – DF. Docente de cursos de graduação/pós-graduação, orientadora de TCC e supervisora clínica da Faculdade de Patos de Minas – FPM. Endereço da instituição: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº 1220, Bairro Cristo Redentor, cep: 38700-156, Patos de Minas, MG, Brasil. Endereço eletrônico: ggalgani.fonseca@gmail.com, telefone: 34 9 9244 7213.

Como citar: Fonseca, G.G. 2022. Desamparo e desafetação: entre travessias cambiando pulsões de vida e morte, a busca dos desejos amorosos através das frestas subjetivas da emocionalidade. *Pubsaúde*, 10, a372. DOI: <https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude10.a372>

Recebido: 15 jul. 2022.

Revisado e aceito: 25 jul. 2022.

Conflito de interesse: os autores declaram, em relação aos produtos e companhias descritos nesse artigo, não ter interesses associativos, comerciais, de propriedade ou financeiros que representem conflito de interesse.

Licenciamento: Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0).